

OPINIÃO

IA explicável muda a forma como as empresas enxergam o risco humano

Glauco Sampaio (*)

Durante muito tempo, o risco humano foi tratado pelas empresas como um problema ligado ao usuário final, normalmente associado a golpes de phishing, credenciais de acesso ou falhas operacionais.

A IA começa a deslocar esse risco para uma camada menos visível da operação porque parte das decisões passou a ser influenciada por respostas automatizadas que nem sempre são interpretadas, contextualizadas ou validadas pelas equipes.

As áreas de segurança passaram a lidar com mais alertas e análises automatizadas, mas nem sempre conseguem entender o que levou um usuário ou atividade a ser classificada como risco.

Quando a organização não consegue interpretar esse contexto, a resposta costuma cair no caminho mais fácil. Todo mundo recebe o mesmo treinamento, as mesmas campanhas e os mesmos controles, mesmo quando os níveis de exposição são completamente diferentes. A empresa mantém uma rotina intensa de treinamento e campanha, mas os mesmos comportamentos continuam aparecendo no dia a dia.

O risco não desaparece com automação

A popularização da IA generativa deixou esse cenário mais evidente. Em muitas empresas, usuários passaram a confiar nas respostas produzidas pelos modelos sem validar contexto, origem ou consistência das informações.

Um dos casos mais emblemáticos aconteceu em Hong Kong, em 2024, quando um funcionário de uma multinacional participou de uma videoconferência com supostos executivos da empresa e autorizou transferências de cerca de US\$ 25 milhões acreditando estar diante de uma reunião legítima. Depois, descobriu-se que os participantes eram deepfakes gerados por IA.

Casos como esse mostram que o risco humano não desaparece com automação. Ele passa a operar de outra forma dentro das organizações. O problema deixa de estar apenas no erro operacional clássico e passa a envolver decisões tomadas a partir de contextos manipulados ou respostas automatizadas que deixam de ser questionadas.

O fator humano continua influenciando diretamente a maior parte dos incidentes. O Data Breach Investigations Report 2026, da Verizon, mostra que cerca de 62% das violações analisadas envolveram interação humana, principalmente em situações ligadas a credenciais, engenharia social e erros operacionais. A diferença é que agora parte dessas decisões acontece

mediada por sistemas automatizados e respostas produzidas por IA.

IA explicável ajuda a interpretar contextos

É aí que a IA explicável (Explainable Artificial Intelligence – XAI) ganha relevância. Empresas passaram a precisar de análises que ajudem a entender os “porquês” das análises antes de decidir o que fazer com os alertas.

Quando a área de segurança da informação entende por que determinado comportamento foi classificado como crítico, consegue responder de forma mais precisa. Em vez de aplicar ações amplas para toda a organização, passa a atuar nos grupos mais expostos, nos processos mais vulneráveis e nos padrões que realmente aumentam os riscos.

Identificar as vulnerabilidades sem entender comportamento costuma gerar respostas superficiais e pouco aderentes ao que acontece na operação. Sem contexto, a tendência é repetir ações pouco efetivas e continuar acumulando alertas sem alterar o cenário de risco da companhia.

Essa discussão também apareceu na RSA Conference deste ano. O foco já não estava apenas na capacidade da IA detectar ameaças mais rápido, mas em como o comportamento humano continua influenciando diretamente a superfície de ataque. Tecnologia continua importante, mas contexto e interpretação passaram a ter um peso muito maior dentro das estratégias de segurança.

Gestão de risco humano

Esse ponto também revela uma limitação dos modelos tradicionais de conscientização de segurança cibernética. Participação em treinamentos, volume de campanhas ou engajamento em plataformas não significam, necessariamente, redução dos riscos.

A forma como usuários reagem a situações de risco está muito mais ligada ao contexto operacional, ao nível de pressão e à rotina de trabalho do que apenas ao volume de informação recebido. Ou seja, gestão de risco humano não se resume a treinamento. Depende da capacidade de compreender comportamentos, interpretar contextos e transformar análise em decisão prática.

A IA explicável ajuda nessa transição ao conectar o comportamento humano aos modelos formais de gestão de risco, permitindo decisões mais aderentes à realidade operacional das companhias.

Quanto mais decisões forem mediadas por IA, mais importante será manter pessoas capazes de interpretar contexto, validar informações e questionar respostas automatizadas. Sem isso, a empresa troca velocidade por confiança cega.

(*) CEO da BeePhish.

Ford recontrata pessoal substituído por inteligência artificial

A tentativa da Ford de modernizar seus processos de engenharia e produção com inteligência artificial não trouxe, de início, os ganhos esperados. Pelo contrário, revelou uma lacuna que a tecnologia, sozinha, não conseguiu preencher: a perda de grande parte do conhecimento técnico acumulado por engenheiros ao longo de décadas.

Vivaldo José Breternitz (*)

Nos últimos anos a Ford ampliou o uso de sistemas automatizados para acelerar e simplificar o desenvolvimento de seus produtos. Mas esses sistemas se mostraram menos robustos do que o previsto, sobretudo quando alimentados por dados incompletos ou pouco detalhados.

“Achávamos, equivocadamente, que bastava introduzir inteligência artificial e ajustar os requisitos de projeto para obter um produto de alta qualidade”, disse Charles Poon, vice-presidente de engenharia de hardware veicular. Outros executivos da empresa confirmaram esse ponto de vista, dizendo que o problema não era apenas técnico, pois com a demissão de engenheiros experientes, muito do conhecimento institucional, raramente documentado e construído em ciclos repetidos de criação e fabricação de veículos, deixou de ser incorporado aos sistemas de IA.

Para corrigir essa falha, a empresa recontratou e promoveu mais de 350 engenheiros veteranos, que agora participam ativamente da coleta, interpretação e alimentação de dados nos modelos da companhia.



CANVA

A montadora vinha enfrentando queda nas avaliações de qualidade e liderava o setor em número de recalls. Lançamentos como os dos SUVs Ford Explorer e Lincoln Aviator, expuseram problemas de fabricação, agravados por disrupções na cadeia de suprimentos; essa situação está sendo revertida.

A experiência da Ford ilustra um de-

safio mais amplo: a automação acelera processos, mas continua dependente de dados sólidos e da experiência humana. A estratégia da empresa, daqui em diante, é equilibrar tecnologia e conhecimento prático, fazendo da IA uma aliada de seus engenheiros, e não sua substituta.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Programação segue como porta de entrada para carreiras digitais

Muito antes da Inteligência Artificial (IA) ganhar espaço nas discussões sobre o futuro do trabalho, a programação já desempenhava um papel central na construção das tecnologias que fazem parte do dia a dia. Aplicativos, sistemas bancários, plataformas de comércio eletrônico, soluções de saúde digital, ferramentas de automação e até os modelos de IA dependem de códigos e profissionais capazes de desenvolvê-los.

Por isso, a programação continua sendo uma das competências mais importantes dentro do universo da Tecnologia da Informação, servindo como base para diversas especializações e carreiras do setor.

Com o objetivo de ampliar o acesso à formação tecnológica, o Eu Capacito, iniciativa social do Instituto Itaqui, disponibiliza gratuitamente cursos voltados ao desenvol-

vimento de competências em programação, tecnologia e inovação. A plataforma já ultrapassou a marca de 3 milhões de alunos, reúne mais de 230 conteúdos gratuitos e conta com o apoio de 17 parceiros do ecossistema de tecnologia.

Confira cinco cursos para iniciar na carreira ou se especializar:

Noções básicas de programação (IBM SkillsBuild / Duração: 5 horas)

O conteúdo apresenta os fundamentos das principais linguagens de programação utilizadas atualmente, explorando suas características, diferenças, vantagens e aplicações.

Engenharia de Software (FIAP / Duração: 100 horas)

Voltado para quem deseja compreender

como sistemas e aplicações são desenvolvidos na prática.

Python para iniciantes (Microsoft / Duração: 5 horas)

O conteúdo apresenta os conceitos fundamentais de uma das linguagens mais utilizadas atualmente em áreas como desenvolvimento de software, ciência de dados, automação e IA.

Venha programar em Java (Oracle / Duração: 6 horas)

Esta formação em Java aborda desde os conceitos básicos da linguagem.

C# (Alura / Duração: 7 horas)

Esse é um curso prático de C#, no qual os alunos são desafiados a desenvolver uma versão moderna do tradicional Tamagotchi (<https://www.eucapacito.com.br/cursos/>).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

ViewSonic expande linha de projetores laser com modelos mais versáteis e ecológicos

@ViewSonic Corp., fornecedor global líder em soluções visuais e de tecnologia educacional (edtech), anuncia o lançamento dos projetores laser LSD400W e LSD400HD-ST. Essas novas adições à sua linha de projetores laser oferecem projeção de alto brilho e sem lâmpada, projetada para reduzir os custos de manutenção e proporcionar uma qualidade de imagem excepcional em ambientes comerciais e educacionais. Ambos os modelos utilizam a mais recente geração de tecnologia de fósforo laser, que oferece até 30.000 horas de uso. Isso elimina a necessidade de substituição frequente de lâmpadas e reduz significativamente o custo total de propriedade. Além disso, foram projetados com sustentabilidade em mente; por exemplo, o LSD400W consome até 49% menos energia do que os projetores tradicionais baseados em lâmpadas (<https://www.viewsonic.com/la/>).

Fundador do Grupo Duo* compra 20% da Grex e aposta em SaaS

@O empresário João Brognoli, fundador e CEO do Grupo Duo*, anuncia a aquisição de 20% da Grex, startup SaaS especializada em gestão de igrejas, em um investimento de R\$ 200 mil. Com trajetória ligada à construção e integração de negócios em marketing digital, growth, branding e tecnologia, Brognoli também atua em frentes de educação e desenvolvimento de empresários. O movimento ocorre em um cenário de crescente digitalização das organizações religiosas no Brasil, que reúne centenas de milhares de igrejas e milhões de fiéis, ampliando a demanda por soluções de gestão, comunicação e organização financeira. A Grex opera no modelo de assinatura mensal,

com receita recorrente gerada pelas igrejas usuárias do aplicativo. O produto responde a uma demanda crescente por gestão inteligente e proximidade com membros via tecnologia, em um mercado com milhões de pessoas envolvidas. “A Grex já apresenta tração com clientes ativos e um modelo recorrente com potencial de expansão de receita por novos produtos e upsell, o que sustenta a tese de crescimento. É um projeto com mercado aderente e um formato de prospecção baseado em confiança, o que é decisivo nesse segmento”, afirma Brognoli (<https://duo.studio/>).

SinalizeWeb e drone firmam parceria

@O e-commerce brasileiro deve ultrapassar R\$ 258 bilhões em faturamento em 2026, com a entrada de cerca de dois milhões de novos compradores, segundo projeção da Abiocom. Mas por trás do número otimista há um aperto que tira o sono de gerentes de e-commerce e de marketing: o custo para adquirir cada cliente sobe de forma contínua, enquanto o tráfego orgânico, historicamente o canal mais eficiente, encolhe sob o avanço das respostas geradas por inteligência artificial. É nesse ponto de tensão que a SinalizeWeb, agência de SEO e performance digital, e a drone, plataforma de CRM e automação de marketing para e-commerce, anunciam uma parceria. A proposta combina duas frentes que normalmente vivem em times separados: a aquisição orgânica via SEO e GEO, especialidade da SinalizeWeb, e a retenção e recompra via CRM e automação, terreno da drone. A tese é direta. Quando o custo de entrada de cada cliente cresce, a saída não é gastar mais em mídia paga, e sim baixar o custo de aquisição com canais orgânicos e, ao mesmo tempo, extrair mais valor de cada cliente já conquistado (<https://drone.me/br/>).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso

Editores
Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/
Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariarolp.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

José Leonil Lobato (1939-2026)

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes

ISSN 2595-8410